

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BEATRIZ SANTA RITA SILVA DE CARVALHO

MEMORIAL DO ESPETÁCULO “GOTA D’ÁGUA”

Projeto Experimental de Teatro do Curso de Artes Cênicas – Direção Teatral

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Para encerrar este memorial gostaria de agradecer a pessoas que somaram neste processo para que chegasse até aqui e que fazem parte dessa conquista efetivamente:

Ao meu orientador, José Henrique Moreira, pela paciência, troca, cuidado e afeto.

A todo meu elenco amado, Beatriz Ferretti, Bernardo Pimentel, Gabriel Conrado, José Ferreira, Joyce Jesus, Letícia Luna, Louise Agra, Luiza Boldrini, Maicon Lima, Maria Carolina Rocha, Mayara Tenório e Thales Mandelli.

A Nila Clara, que topou aprender junto comigo e fez uma incrível direção musical.

Aos músicos: Paulo Maria, Raphael dos Santos e Vinícius Bergamaschi.

À assistência de direção e parceria, Julia Helena e Raphael Castro.

À preparação corporal de Thales Mandelli.

Às coreografias de Maicon Lima.

À cenografia e indumentária, das tão doces e amigas, Jovanna Souza e Julia Araujo.

À produção de Julia Helena e João Cordella.

À iluminação de Gustavo Brasil, Karla Gabriela e Luca Perovano.

Às fotografias do meu irmão Márcio José.

Ao design gráfico de Thalassa Castro.

A toda a produção da Mostra de Teatro, em especial, a Erika Neves, por dar suporte, atenção e força.

À SUAT, por me ensinar tanto, por me receber de braços abertos, por iluminar tantos espetáculos, eventos, óperas e que foi luz no meu ano.

A todo o corpo docente da Direção Teatral por me fazer apaixonar ainda mais por este universo, inclusive por seus defeitos.

Ao Colégio de Aplicação da UFRJ, por me fazer apaixonar ainda mais por arte e educação.

A Taís Trindade, Reinaldo Machado, Henrique Bueno, Priscila Manfredini, Wesley Calcanho, Isadora Giesta e Vinicius Andrade, por me envolverem, abraçarem, amarem com meus defeitos e fazerem destes quatro anos inesquecíveis.

Aos funcionários da UFRJ, em especial Itamar, Joel e Sérgio.

A minha família por me acompanhar no teatro desde que era só uma atividade extra até que se tornou minha vida.

A Gustavo de Queiroz, Márcio José, Pedro Castro e Thalassa Castro, por sermos 1 em 5, por me completarem, aceitarem como família e junto com isso sonharem comigo e vibrarem a cada sonho realizado.

A todos os amigos que estiveram presentes, que sempre divulgam, apoiam e fazem do teatro uma causa e acontecimento nosso.

Ao teatro por me receber, criar e formar.

A minha mãe por me incentivar e não abandonar.

A Deus por tudo isso.

Sumário:

Introdução	5
O Projeto	7
O Processo	11
Conclusão	17
Imagens	19
Referências	21

INTRODUÇÃO

O curso de Artes Cênicas – Bacharelado em Direção Teatral prevê um projeto experimental de teatro para sua conclusão. Depois de quatro anos estudando diversos tipos de dramaturgia, entendendo diferentes modos de produção, acompanhando as transformações do teatro local e mundial, em meio a tudo isso, construindo a minha assinatura de direção, posso dizer que foi um tanto quanto instigante definir o meu projeto final.

Quando trabalhamos com teatro, especialmente quando estamos na posição de direção, encaramos uma responsabilidade sobre o que queremos provocar no outro, que pensamentos e sensações escolhemos evocar e sobre o que desejamos falar. Eu, no auge dos meus vinte e um anos, mulher, filha de mãe solo, artista, me encontrava muito preocupada com o cenário artístico cultural da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. E me vi convidada a transformar esse receio em potência criativa e é aí que a “Gota D’água” começa.

O período de eleições, no último ano, foi marcado pela violência, pelos ataques fascistas e pela censura ao posicionamento dos estudantes principalmente dentro das universidades públicas e federais. Então, resolvi encerrar minha graduação fazendo um urgente resgate do momento ditatorial do país em que a obra de Chico Buarque e Paulo Pontes foi escrita. No prefácio da obra, os autores afirmam que: “O fundamental é que a vida brasileira possa, novamente, ser devolvida nos palcos, ao público brasileiro.” (DE HOLLANDA, PONTES, 1975, p.14). E meu intuito era justamente este: devolver esta história sobre a morte, a liberdade e a necessidade de dignidade em meio ao nítido desespero do povo para sobreviver alertando a tudo que ainda assola os povos das comunidades como os da Vila do Meio Dia.

Além de apreciar junto ao público o clássico dos autores, também almejava discutir a razão de todas as temáticas serem ainda tão atuais e presentes em nossa realidade. Afinal, trata-se de uma tragédia urbana no Rio de Janeiro, cidade, ainda hoje, governada por inúmeros Creontes, não preocupados com a segurança de seu povo, muito menos com os mais pobres, o que nos insere em um tempo caótico, onde o genocídio negro, bem como o feminicídio, cresce cada dia mais, mesmo após 34 anos do fim da ditadura militar, 131 anos da assinatura da Lei Áurea e 13 anos da sanção da Lei Maria da Penha.

Decidi por fazer todas estas denúncias neste espetáculo e optei por não fazê-la sozinha, reunindo num potente encontro mais vinte pessoas dentre elas atores, assistentes, produtores, cenógrafos, figurinistas e músicos, além de tantos outros amigos que passaram por este caminho deixando um pouco de sua voz conosco. Construiu-se, portanto, um espetáculo que grita e pulsa em resposta ao momento de censuras facultativas e da tentativa de propagação de discursos autoritários. Usamo-lo como arma para divulgação do discurso de resistência contra tais ideias e fazemos isso expondo como tudo isso nos atravessa.

Aqui registrarei como foi essa construção: de onde parti, como fui transformada ao longo de quase três meses de processo, quais as dificuldades e contratemplos, como recuperei minhas próprias ideias ao longo do caminho, além de trazer também as interferências positivas, e por que não também negativas, de reunir uma equipe tão grande e distinta neste trabalho.

O PROJETO

Joana: Ninguém vai sambar na minha caveira
Vocês tão de prova: eu não sou mulher
Pra macho chegar e usar como quer,
Depois dizer tchau deixando poeira
E meleira na cama desmanchada
Mulher de malandro? Comigo não
Não sou das que gozam co'a submissão
(DE HOLLANDA, PONTES, 1975, p.43)

“Gota D’água” - Uma história sobre a morte, a liberdade, poder e sobrevivência. Não se calando diante do sistema, Joana se recusa a permanecer às margens por ser pobre, negra, umbandista, da comunidade e mulher. Oprimida pelos reflexos da cultura patriarcal e das heranças de um país historicamente escravocrata, não aceita a invisibilidade que lhe é imposta. Bater de frente com a cidade, para não se deixar rotular como a mulher da terra de ninguém, é uma necessidade. A terra é ela.

“Gota D’água” (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes, é uma reescritura de “Médeia”, tragédia grega de Eurípides, criada como forma de denúncia das características da sociedade brasileira em um cenário carioca. Situada em um contexto ditatorial no período em que foi lançada, apresenta questões de forma indireta na tentativa de driblar a censura. Nos anos 70 (e ainda hoje), o espaço para as mulheres é reduzido, bem como para a adoração do sagrado¹, desqualificados pela elite e por praticantes de religiões dominantes cristãs. A sociedade brasileira vivia em um momento de repressão política com a ditadura militar. Tudo era passível de censura. A relação entre catarse e um certo distanciamento, na dramaturgia, reflete-se na personagem Joana que, à frente de seu tempo, nega todo tipo de submissão, seja ela religiosa, familiar e/ou social.

Para realizar o espetáculo no ano de 2019, busquei atualizar essa cena, e ao lado dos atores, tentamos compreender quem são esses personagens, presentes na sociedade de hoje, e quais espaços ocupam. Para tanto, a motivação sensorial era um dos caminhos desejados, como forma de acesso à ancestralidade, por meio do contato com os elementos da natureza, privilegiando a terra, muito marcante nessas trajetórias. Também há de se destacar as motivações dos impulsos interiores dos atores, como memórias e

¹ Segundo a Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Políticas para Mulheres e Idosos, no ano passado, 71,5% dos casos de intolerância religiosa registrados no Rio de Janeiro foram contra grupos de matriz africana.

gestos cotidianos, além de estímulos sensoriais, provenientes do contato com metais, com o calor e com o frio. A ideia era estimular a dinamização da percepção corporal dos atores e auxiliar a extroversão dos impulsos para a criação de ações físicas que catalisariam a cena, transformando-a, dando ritmo e gerando apropriação do texto falado.

Por tratar-se de um musical, eu objetivava, por meio da música, tornar o contexto ainda mais dramático e carioca, uma vez que o ritmo perpassa a história dos personagens, desde a vida boêmia de Jasão até as manifestações religiosas do candomblé; ambos elementos da cultura popular brasileira. Logo, a estética do musical, com as composições de Chico Buarque, serve para coroar o espetáculo e a tragicidade real da história.

Decidi materializar o espaço em uma arena quadrada antes mesmo de o processo começar, já que gostaria de deixar clara a proximidade de Joana e Jasão com seu público, além de trabalhar com as questões políticas relacionadas a essa disposição, objetivando a discussão e a conscientização do público. Após o golpe militar, a arena assume um papel de debate e de extrema importância para a esquerda brasileira, já que materializa uma ágora. José Renato e Geraldo Mateus, então estudantes da EAD/USP, idealizaram a disposição em arena muito disseminada por Augusto Boal posteriormente. Através dessa disposição fica claro o pensamento no espectador como alguém que pudesse intervir na cena, dialogar com os atores; e no ator-autor, transformando-se no espaço, modificando-o e criando nele.

Pensei uma cenografia e indumentária minimalistas em um sentido de comporem juntas as cenas, já que a disposição espacial permitia que os atores construíssem as imagens necessárias. Visualizei, também, todas as mulheres com uma vestimenta-base, que se transformasse, de acordo com a especificidade de cada uma delas. No coro, o figurino colaboraria para a criação do movimento ao garantir uma unidade plástica. Através da iluminação, pretendia criar atmosferas necessárias para compor ambientes, sensações e emoções. Como por exemplo, trabalhar com cores quentes sempre que forem evocadas as relações do sagrado feminino com Joana.

Dentre os objetivos iniciais de trabalhar com esse texto, com todas estas temáticas se destacou o desejo de lutar contra as repressões políticas e sociais, tendo Joana como protagonista resistente, visto que ela é vítima do machismo e da

intolerância religiosa, ambos estruturais no Brasil. Além de, pensar nas consequências de um possível novo regime ditatorial, usar as músicas como manifestação cultural e arena como espaço de debate.

Debruçar-me sobre espetáculos de autores brasileiros sempre foi prioridade ao longo da minha trajetória na graduação. A partir das minhas pesquisas para a montagem de Direção VI, interessei-me também por buscar obras que se passassem no Rio de Janeiro e discutissem questões a respeito da cidade. Em “Gota D’água” isso acontece quando Buarque de Holanda e Pontes escolhem a comunidade da Vila do Meio Dia como cenário para a ação dramática.

Montar a tragédia do dia a dia capitalista, levantando e discutindo questões políticas e sociais, na qual Jasão é exemplo do homem periférico, que movido pelo desejo da ascensão econômica, sai da comunidade em busca das suas oportunidades, enquanto Joana, em contrapartida, representa uma tentativa de garantia de lucidez e a força da mulher negra para se manter no desafio de sobrevivência na cidade. Realizei a montagem objetivando, posteriormente, circular com o espetáculo no mercado teatral carioca, conferindo, pela atualidade da temática, impacto na produção contemporânea. Hoje, mediante as inúmeras tragédias do dia a dia, assistir um espetáculo como “Gota D’água” auxilia a compreensão de uma catástrofe inevitável de um passado que se repete em um presente. Desse modo, intuí provocar a reflexão sobre os valores coletivos e individuais, bem como a influência deles na vida em sociedade.

Compreendi que para realizar a montagem com o recorte de que gostaria seria preciso ir fundo na raiz do problema. Traçar uma linha temporal que fizesse um paralelo real com a Medeia sem terra de Jasão e que culmine na Joana da ditadura militar, para através dela gerar reconhecimento no público sobre a persistência de preconceitos na sociedade. Sobre uma mulher que não aceita mais ser a mulher sem terra, porém que, ainda em 2019, continua sendo tolhida, ameaçada e paralisada pelas ações excludentes, machistas e misóginas da sociedade.²

Resgatar a ancestralidade dos atores era um dos primeiros pilares do processo, para que pudéssemos entender como nossos corpos e famílias foram afetados ao longo de nossas gerações. Portanto, planejei-me para trabalhar com memórias afetivas,

² Os dados coexistem, no entanto, com fortes sinais de que os feminicídios disparam, pois aumentaram 44% em São Paulo este ano (até agosto, segundo dados compilados pelo site G1). Na comparação entre 2017 e 2018, houve um crescimento de 4% dos feminicídios em todo o país. A cada quatro horas uma mulher é morta por ser mulher, por medo ou por ódio.

genealógicas, corporais, com o objetivo de investigarmos de que modo tais temáticas são vivenciadas, ontem e hoje, para, posteriormente, avançarmos em direção ao encontro da dramaturgia e introduzirmos as ações na sala de ensaio. As ações evocaram sentimentos e sensações e, por isso, as utilizamos como forma de catalisar os processos interiores e cênicos que surgiram, para que ao longo da construção os atores as ressignificassem em cena, gerando a apropriação do texto de modo efetivo.

Por se tratar de um espetáculo musical, a trilha de autoria de Chico Buarque também tem grande importância no processo de criação, uma vez que música também é texto, haverá também de ser corpo. A presença de todas as músicas da peça e também das músicas vindas por influência das religiões de matrizes africanas são importantes e desempenhariam um papel fundamental já que, reunidas, representam um instrumento de estimulação e ambientação para criação de imagens e atmosferas. Dessa forma, construiríamos o espetáculo tendo como pilares os estímulos sensoriais, as memórias e os dados estatísticos que nos provam que esta é uma história atual.

Então, o tom que imaginei para o espetáculo era de protesto pela representação de memórias vivas da ditadura que não se podem esquecer e que, infelizmente, novamente, batem a nossa porta. Para mim, ainda se faz importante a rememoração desse período histórico, uma vez que a lembrança, mesmo difícil, precisa ser propulsora de luta. “Gota D’água” logo viria para nos mostrar isso.

O PROCESSO

Depois de escrever, e entregar um projeto que discorria sobre todas essas ideias de um espetáculo desenhado em minha cabeça, comecei efetivamente a trabalhar. Aqui ainda bem antes de adentrar a sala de ensaio, debrucei-me sobre a peça, a dramaturgia, as músicas e os inúmeros vídeos de montagens referências. O primeiro passo foi entender qual recorte eu estabeleceria para minha montagem uma vez que o texto montado na íntegra resultaria em quase 3h30min de duração e além não querer algo tão longo, acredito que no contexto que estamos inseridos na UFRJ as condições da sala Vianinha também não suportariam com conforto tanto tempo.

Para tanto precisei realizar uma verdadeira adaptação e acreditei ter chegado a um resultado satisfatório. Consegui reduzir 200 páginas de texto corrido a 100, em suma. Optei por fazer um recorte, que apesar de mais trabalhoso, me agrada mais, limpando cena a cena, observando e retirando as informações que se repetem, em vez de cortar pedaços inteiros do texto que acabam gerando buracos e falhas na dramaturgia original. Feito isso, achei que conseguiria estabelecer um tempo de 1h30min de peça.

Com o projeto aprovado e com a orientação de professor José Henrique Moreira já definida, iniciei o semestre buscando fechar a equipe com o qual eu trabalharia. Para isso, entrei em contato com pessoas que havia trabalhado, recebi contatos de pessoas que conhecia de perto e pedi opiniões e principalmente busquei contatos os quais tive boas indicações. Digo isso porque considero muito importante trabalhar com um elenco que eu confie e que possa contar. E ainda com todo esse cuidado tive percalços no caminho.

Dentre alguns pré-requisitos que tinha quando selecionei o elenco alguns deles eram: já conhecer minimamente o ator/atriz, que ele/ela tivesse alguma noção de canto ou pelo menos interesse em aprender, além de desejo de fazer o musical e disponibilidade nos horários já estabelecidos. Jamais imaginaria que fecharia um elenco de doze pessoas, mas hoje, pensando friamente, sei que para causar o impacto que queria com este musical de fato 4 atores não causariam o mesmo efeito. Assim, primeiro escolhi Jasão e Joana: Maicon e Mayara. Creonte, Alma e Egeu: Gabriel, Beatriz e José. Um potente grupo de vizinhas que deram suporte a Joana: Carol, Joyce, Luiza, Louise e Luna. Além dos rapazes do botequim a acompanhar as novas da Vila: Bernardo e Thales. Optei propositalmente por manter a quantidade fiel de vizinhas que o texto

sugere, pois queria que houvesse essa força feminina em cena com Joana, mas como precisava reduzir texto, tive que cortar alguns personagens masculinos para que tudo coubesse no meu recorte.

Além da formação do elenco, foi importantíssima a formação da equipe técnica desde o início do processo, neste caso priorizei a todos que tinham vontade de trabalhar e tive a sorte de contar com um grupo majoritariamente feminino, o que para mim foi diferencial uma vez que o meu recorte enfatiza a figura de Joana e sua rede apoio em sua maioria feminina, levantamos questões relacionadas com o trabalho e a solidão da mulher, e todas as volvidas foram demasiadamente dedicadas com todo o trabalho. Tive dois assistentes de direção, Julia Helena e Raphael Castro. Uma diretora musical, Nila Clara, que trouxe junto com ela estudantes da música. Figurino e cenografia de Julia Araujo e Jovanna Souza. Preparação corporal de Thales Mandelli. Produção de Julia Helena e João Cordella. E tantos outros de que ainda falarei.

Depois de fechado esse numeroso grupo e de ter finalizado meu recorte, eu, efetivamente, podia começar. Começamos no dia 23/08/2019. A partir de agora falarei com o máximo de detalhes possível sobre como criamos nosso espetáculo. Nada foi só meu; digo com felicidade que se construiu junto e que tive muito suporte e incentivo de todos que reuni. Como diretora considero importante que os processos sejam envolventes e interessantes para os que participam. Então, no nosso primeiro encontro, expliquei como funcionavam as mostras e seus processos, me apresentei e fiz questão que todos o fizessem. Cada um deveria falar seu nome, um pouco da sua história com o teatro, 2 defeitos e 2 qualidades e se já tinham alguma experiência com canto ou não. Foi uma grande farra, de histórias entrecruzadas, de cantos no chuveiro, de sonhos, de trabalhos e no fim, todos já começavam a envolver-se. Realizamos então o início da nossa primeira leitura de mesa que foi dividida em dois dias. Lemos neste primeiro dia o primeiro ato do espetáculo e no segundo dia, o segundo. Cada um pode ler diversos personagens, não pré-estabeleci nada, recomendando inclusive que trocassem bastante e lessem de tudo um pouco. Assim fizemos, e ao fim de cada dia conversamos sobre a peça e fiquei feliz por ver que ela provocava neles o que provocava em mim.

O primeiro passo prático do nosso processo foi que após a leitura que fizemos juntos eles pensassem de modo individual numa resposta para a pergunta: “O que a “Gota D’água” tem de presente, atual e/ou real na sua vida?”. Pedi para que levassem

essa pergunta para casa e respondessem em forma de cena no encontro seguinte. Nessa cena eles deveriam usar uma cadeira, uma reportagem ou dado estatístico, uma fraqueza e uma música do espetáculo, tudo isso em no máximo três minutos. Começamos o ensaio fazendo práticas de conexão, de coletividade, de diálogo e escuta e entramos também em alguns exercícios de *viewpoints* que já foi mote suficiente para que criassem entre eles imagens interessantíssimas para a cena. Após esse momento, fomos às cenas: surgiram cenas sobre perdão e ego, sonho e caminho, medo e silêncio, dor e raiz, acessibilidade e confiança, fraqueza e escuta. Eles conseguiram relacionar perfeitamente as temáticas da vida deles no ponto exato em que a peça os atravessava. Isso me ajudou bastante a ir entendendo as escolhas de personagens que faria. Trabalhamos também com a identidade cada um, a partir dos lugares de onde cada um veio e de como cada corpo se afetava com a história e com as músicas de Chico Buarque. Então, defini os personagens.

As músicas do espetáculo bem como mais algumas de Chico Buarque estiveram em nossa sala de ensaio desde o início. Como forma de aquecimento, como pano de fundo e indutor para as práticas e, é claro, como texto. Logo, após este primeiro momento, dividimos nosso tempo de trabalho em canto e cena. Dos três ensaios semanais com média de 4h de duração cada um, um era completamente dedicado à música; nesses encontros Nila preparava-os vocalmente junto com sua equipe, além de fazer os arranjos especialmente para nós, cada música e solo. Uma dificuldade neste processo foi que os músicos não tinham disponibilidade de ir aos ensaios, sendo assim só juntamos voz e instrumentos faltando duas semanas para estreia.

Para a construção do corpo de cada personagem trabalhamos com estímulos sensoriais e o que estes estímulos modificavam em seus corpos, suas falas, seus gestos e ações. Os estímulos eram: água, terra, fogo, ar, carne, sangue, cachaça. Depois de cada um ter passado por todos os estímulos e pesquisado a fundo cada um deles, eles deveriam escolher dois ou três que mais se relacionasse com seu personagem. E o fizeram. Tivemos uma repetição interessante de estímulos por núcleos:

Joana – fogo, terra e carne;

Corina – fogo, terra e sangue;

Zaíra – terra, carne e fogo;

Maria – terra, fogo e cachaça;

Nenê – terra, água e ar;

Estela – cachaça, ar e fogo;

Egeu – terra, cachaça e ar;

Cacetão – ar e cachaça;

Xulé – água e cachaça;

Jasão - cachaça, ar e sangue;

Creonte – sangue, fogo e terra;

Alma – sangue, ar e cachaça;

Esse trabalho foi interessante e proveitoso para a cena, pois conseguimos, a partir dele, aperfeiçoar o andar e o olhar de cada personagem, entendemos as partes do corpo mais importantes e/ou em evidência para cada um. Além disso também entendemos as possíveis características que cada um tinha em comum com seu núcleo e como isso podia se dar na entrecena de cada um deles. Emendamos esse trabalho em um conjunto de práticas de coro e corifeu também para que eles permanecessem conectados a tudo que acontece em cena na arena, sempre “liderados” por alguém, para que não perdessem a sincronia nos momentos de coreografia, além de manterem com eles sempre a dinâmica de pergunta e resposta ao início e término de cada cena.

Após toda essa primeira fase de construção, finalmente, avançamos para a cena e mediante a todos os exercícios que já fiz, percebi que este foi o mais complexo no que tange a desenho e marcação de cena. Os próprios atores desde o início retrataram o medo que tinha desta disposição, mas com o tempo e com os preciosos comentários e dicas de orientação fomos ganhando costume e naturalizando o espaço. Falando em espaço: nas rubricas do texto, fica clara a divisão espacial por cenários e na nossa montagem isso se manteve presente de modo que cada vértice da arena representava um local (vizinhas, botequim, oficina e trono), além de termos os filhos representados por dois sacos de doce no meio da cena e um pequeno praticável como a casa de Joana próximo a orquestra.

Todo o projeto de cenografia e indumentária foi construído a partir do que experimentamos e discutimos em cena, somado às referências que as estudantes da EBA trouxeram para a sala de ensaio. Fiquei extremamente satisfeita com todo o resultado de

todo conjunto. Sobre o figurino em específico: o que mais me encantou foi o núcleo das vizinhas com cores quentes que conversavam com Joana, naturalmente, compreendida por nós com a cor vermelho. A relação dos homens da Vila que eram diferentes entre Jasão, Cacetão e Xulé, e Egeu, que tinham suas diferenças, mas possuíam um conceito comum. Além disso, houve um distanciamento das figuras de Creonte e Alma. A felicidade em perceber que o figurino conversou perfeitamente com o que pensamos, com a obra, com a cena, com o cenário e o principal, que conseguimos fazer tudo o que planejamos, não tem preço. Por proposta minha e concordância delas fizemos em um dia uma prática de imaginação com os atores de modo a compreendermos juntos este espaço, esta vila. A partir desta troca, foi desenvolvido um incrível projeto, cujas imagens de referência estão em anexo, que dava conta de atender o que eu imaginei inicialmente para as vizinhas, que trazia cores quentes e vida para o figurino e trazia a referência do jornal pelo cenário. Neste dia, também compreendemos a importância do jornal em papel para nós, para o nosso público. O nosso jornal, que também foi construído reunindo vozes dos atores e organizado por uma grande amiga-irmã, Thalassa Castro.

No meado do mês de outubro eu já havia marcado e levantado todo o primeiro ato e boa parte do segundo. Em 25/10, a atriz que interpretava Joana saiu do trabalho, o comunicado foi feito numa sexta-feira a noite, em um dia que a mesma havia faltado o ensaio sem avisar. A justificativa foi que ela havia tido a oportunidade de realizar um curso de teatro musical em São Paulo, que poderia culminar ou não em um emprego, alguns dias depois eu descobri que houvera um processo seletivo deste curso, porém em nenhum momento fui comunicada pela atriz da possibilidade, apenas fui avisada de sua saída faltando menos de um mês para nossa estreia.

Entre desistir e fazer, eu escolhi fazer. Ainda no mesmo dia à noite, o ator Maicon, que interpretou Jasão, indicou-me a atriz Isabelle Riccart, que em apenas três semanas deu vida a Joana exatamente do jeito que eu sonhava. Além de um trabalho impecável como atriz e cantora, Isabelle, com o pouco tempo que tinha, desenvolveu uma relação adorável com toda equipe e trouxe leveza ao personagem. Parecia que estava conosco havia anos, desde o primeiro dia. Para o meu processo de formação este acontecimento foi importante porque me deu a certeza de que não sabemos com quem podemos contar, porém quando encontramos pessoas realmente dispostas a fazerem juntas um trabalho artístico real nada pode nos impedir.

Seguimos firme com nosso trabalho e nas últimas semanas demos conta de ganhar ritmo, mudamos coreografias, afinamos transições, até que como em todo musical, chegou o momento de juntar cena e música. Acredito que deveríamos ter feito isso com mais antecedência. Pude perceber que os atores no início ficaram inseguros até porque às vésperas da estreia, quando já entram novos elementos como os acessórios cênicos, cenário final, figurino, eles ainda cantavam, dançavam e precisavam se ouvir e estar atentos à orquestra.

Tivemos um último mês antes da estreia bem intenso com ensaios extras, ensaios por núcleos, ensaios individuais só para os solos, reafinação de coreografias e pude ver o resultado de tanto esforço no nosso ensaio geral no dia 18/11/2019, quando ensaiamos de 09h às 17h com apenas um intervalo para o almoço. Neste dia, apesar de não ter sido o primeiro “passadão”, foi o dia em que enxerguei meu espetáculo pronto. Vi que ele era real. E que tinha chegado o momento de deixar que eles dessem vida junto ao público. Ainda antes de estrear, eu, junto com o orientador, pude fazer todas as minhas considerações finais e fiquei feliz por ver que eles estavam atentos a tudo, dispostos a crescer e com sede de estrear.

Estreamos e ainda nesses três dias de estreia crescemos ainda mais a cada dia. Ganhamos ritmo, modificamos algumas cenas, musicamos os rituais para que eles tivessem a força necessária e fomos deixando que “Gota D’água” encantasse a todos como nos encantou.

CONCLUSÃO

Avaliar o próprio trabalho me parece ser uma das tarefas mais difíceis impostas em toda a graduação. Pois após toda a caminhada tendo conseguido chegar à reta final, feliz, sem ter desistido de nada, acredito que isso seja, simplesmente, sinal de êxito.

Ao longo dos três dias de apresentações pude ouvir uma série de opiniões de amigos do teatro, estudantes como eu e também as valiosas impressões e palavras de quem não costuma ir tanto a teatro. Deste último público tive a felicidade de perceber que todos compreenderam a história, saíram atravessados pela história que contamos, vibraram, muitos ao me encontrarem depois cantarolavam músicas, então sinto que tivemos êxito nesse âmbito. Contudo, uma crítica que ouvi de ambas os públicos, profissionais ou não, foi a duração, que estando em torno de 1h45min, culmina em um espetáculo um pouco cansativo. Além disso, também ouvi que faltava trabalhar a segurança de alguns atores o que eu concordo plenamente.

Como diretora, acredito que a cena sempre tem algo a ganhar e hoje nunca é igual a ontem. Se fossemos apresentar “Gota D’água” amanhã, com certeza eu teria indicações importantes ao meu elenco. Por termos uma peça com 1h45min de duração, não podemos negligenciar o ritmo, para não perdermos o público. E nesse quesito acho que ainda temos que ganhar. Por outro lado, também percebo que eles precisam curtir mais a cena, se deliciar ao cantar, não ter pressa ao se aproximar do público, ao olhar em seu olho, não correr com suas falas e simplesmente contar a nossa história.

Além disso, gostaria de trabalhar mais a segurança dos atores em cena, especialmente nos momentos de canto e com os personagens que têm longos textos como Jasão, Joana e Creonte. Gostaria de explorar mais a orquestra, com novos instrumentos, novas possibilidades, especialmente para a cena do ritual. Testaria novas possibilidades de representação para os filhos, apesar de ter ficado muito satisfeita com a solução dos doces encontrada por nós. Com mais tempo de ensaio também gostaria de permitir que a luz somasse ainda mais na nossa cena.

Fiquei encantada com o meu espetáculo de formatura em seu conjunto, faria tudo de novo, investiria neste sonho quantas vezes fossem necessárias. Apaixonei-me por um universo (o musical) em que nunca nem me havia imaginado. Fui capturada e pude trazer em minha formatura, junto com o teatro, o samba e a cultura para o palco. E isso é o que me deixa mais satisfeita. A oportunidade de ter a UFRJ como casa para

realizar um trabalho que envolveu mais de vinte pessoas, que possibilitou que assim como eu, os atores aprendessem, a produção, a luz, a assistência, a equipe musical, a cenografia e a indumentária, as fotos, o design.

Nosso processo foi um encontro profissional, mas que não deixou de conferir aprendizados a todos. Aprendi muito ao longo desses três meses. Aprendemos juntos e vimos juntos este espetáculo sair do papel e ganhar vida. Encerro meu trajeto na Direção Teatral mais que feliz do que um dia poderia imaginar. Realizei um sonho, um acontecimento, que para mim, foi importante, potente, brilhante e que agora é motor que me faz querer seguir.

IMAGENS

Elenco de Gota D'água



Vizinhas em Comadre Joana



Corina e Mestre Egeu em Vila do Meio Dia



Záira canta no coco



Morte de Joana



Vizinhas em Vila do Meio Dia



REFERÊNCIAS

ARIAS, Juan. *Sinais do aumento do feminicídio. Por que elas são mortas?* El País, Brasília, 23/10/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/opinion/1571868956_647096.html . Acesso em: 15/12/2019.

DE HOLLANDA, PONTES; Chico Buarque, Paulo. *Gota D'água*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

HERMETO, Miriam. *O contexto mental da tragédia brasileira Gota D'água: diálogos com a cultura política comunista*. João Pessoa: Saeculum – Revista de História, 2011.

JUNIOR, Dirceu Alves. *Gota d'Água [A seco]*. Veja de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/gota-dagua/>. Acesso em: 24/06/2019.

MARINHO, Cecília. *Gota D'água: entre o mito e o anonimato*. São Paulo: USP, 2013.

MELLO, Katia. “*Gota d'Água, para a minha tristeza, é totalmente atual*”, diz o dramaturgo *Jé Oliveira*. Geledés: Instituto da Mulher Negra, São Paulo, 01/04 2019. Disponível em : <https://www.geledes.org.br/gota-dagua-para-a-minha-tristeza-e-totalmente-atual-diz-o-dramaturgo-je-oliveira/> Acesso em: 5/05/2019.

ZANÁDREA, Ana Paula. *O sexto sentido do ator: A importância da percepção cinestésica no teatro*. Rio Grande do Sul: UFRGS – Cena em Movimento 3, 2013.